



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

F E V E R E I R O 2 0 0 8 - N ° 2 1 0

II PANEGÍRICO DOS ESPONSAIS DE MARIA VIRGEM COM SÃO JOSÉ (abreviado)

Pe. João Maria Marani (1848)

II. ALTÍSSIMA E SAPIENTÍSSIMA PROVIDÊNCIA DE DEUS

Deus havia estabelecido salvar o mundo com caridade sem fim: “amei-te com caridade perpétua” (Jr 21,3). E queria salvá-lo por meio do seu Filho: “de tal modo Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho único” (Jo 3, 16).

Mas não queria salvá-lo por simples remissão de débito. Queria salvá-lo para que o homem fosse redimido gratuitamente: “justificados gratuitamente por sua graça” (Rm 3,24) e fosse tirado da escravidão por preço à vista: “fostes comprados por um grande preço” (1Cor 6, 20).

Por isso Deus quis que seu Filho se fizesse homem: “o Verbo se fez carne” (Jo 1,4); e nascesse – segundo a carne – filho de Adão pecador, tomando, não o pecado, mas a carne de uma mulher filha do Adão pecador: “nasceu de uma mulher” (Gl 4, 4).

Convinha, pois, à grandeza deste parto, que a Mãe fosse virgem; porque como no céu tinha Pai sem mãe com uma geração incompreensível – “quem narrou sua geração?” (Is 52, 8) – assim na terra tivesse Mãe sem pai, e a sua concepção e o seu nascimento fossem totalmente singulares e prodigiosos: “o Senhor Deus vos dará um sinal: eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho” (Isaias 14).

Se Maria não fosse casada, o mundo não teria acreditado no milagre; e por isso se tornaria infâmia à Mãe – que Deus tanto amava, e não queria torná-la objeto de vergonha -, e também ao Filho. E isto teria sido impedimento para acolher sua doutrina e crer nele.

Portanto o Esponsal da Virgem Maria com São José é o instrumento da Providência para esconder temporariamente o parto divino.

Segundo São João Crisóstomo, Deus quis tornar o mundo instruído nos profundos mistérios da Encarnação e Morte de Cristo, seu Filho para a salvação dos homens, pouco a pouco, etapa por etapa. De outra forma esta doutrina se tornaria totalmente incrível se a mente humana não estivesse preparada e disposta com o maravilhoso ordenamento celeste.

O núcleo da doutrina é que Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Deus, havia unido a sua divina natureza à natureza humana em unidade de Pessoa, fazendo-se homem no seio da Virgem. Como homem teria nascido e vivido, suportando todas as fadigas e as penas a que estão sujeitos os homens, menos o pecado, e compensando os pecados dos homens e a soberba dos primeiros pais. Ele teria se humilhado até a morte, entre dores e ignomínias sobre a Cruz. Por último, em virtude da sua Divindade teria levado ao céu a sua própria Humanidade, sentando-se aí Deus e Homem na glória igual ao Pai.

A ordem nesta doutrina está em que ela é mais conveniente à natureza humana e à mente humana; isto é, do mais fácil ir ao mais difícil; daquilo que é sensível chegar ao que é puramente espiritual, aliás, superior a todo o pensamento humano.

Ora, quem não vê que o mais fácil era conhecer Cristo como homem?

Por isto Ele aparece entre os homens nascido menino; chora no presépio, é alimentado no seio da Mãe que verdadeiramente era sua Mãe, e de José, que por todos era tido como pai – “era tido por filho de José” (30) (Lc 3, 23) -. Impotente, pela idade e pequenez, de defender-se, tirado da perseguição é levado em segredo pelos pais ao Egito. E – após a morte de Herodes – reconduzido por eles ao próprio país, sendo sua vida, sustentada, na infância pelos trabalhos do pai. Ele trabalhou, obediente a seus pais, em uma oficina, de modo que todos o conheçam como o filho do carpinteiro: “não é este o filho do carpinteiro?” (Mt 13, 55).

Em seguida foi ouvido falar em público viajando pelas terras da Palestina, conversando como homem com os homens, depois perseguido pelos pecadores, ser preso, receber bofetadas, ser pregado na cruz, e aí morrer diante de um numeroso povo. Finalmente da cruz, como verdadeiramente morto, foi deposto em um sepulcro. Assim não podia haver mais dúvida de que Ele não fosse verdadeiramente homem.

Mas, quando por sua divina força ressuscitou, os seus discípulos, que haviam visto todas as provas da sua Divindade – isto é seus milagres e gloriosa Ressurreição -, receberam ordem de manifestar ao mundo que Ele era Deus. Porque se esta doutrina fosse manifestada antes, as penas e as humilhações da sua humanidade teriam sido impedimentos para se desse crédito a Ele.

De fato a morte de Cristo – diz São Paulo- pelos pagãos era reputada como loucura, parecendo-lhes totalmente indigno que Deus se abaixasse a tornar-se homem e morrer desonrado; e pelos judeus a morte foi um escândalo, porque o haviam provocado a livrar-se, e Ele ao invés deixou-se matar por eles; “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (ICor 1, 23).

Mas depois conhecendo com evidência que Ele era um homem, e como tal havia verdadeiramente morrido, então foi tempo de exhibir os testemunhos da sua Divindade: “sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria até os confins do mundo” (At 1, 8). Tempo de mostrar não somente as maravilhas feitas por Ele durante a vida e depois da morte tornando a viver por própria virtude natural, mas também pelos milagres operados em seu nome e por sua virtude por aqueles mesmos que testemunhavam no mundo a sua morte e Ressurreição.

A glória da Ressurreição tirava totalmente o escândalo que as penas e as humilhações de Cristo faziam aos enfermos e aos fracos. Então foi oportuno que fosse promulgada e esclarecida a sua Divindade: foi o tempo, então, que não só sua Ressurreição, mas também fosse anunciada sua prodigiosa concepção não por obra de homem mas do Espírito, e o seu nascimento miraculoso de uma Virgem, que era o sinal que Deus mesmo havia prometido, através do qual fosse reconhecido o Salvador do mundo: “eis que uma Virgem conceberá, etc.”.

E então chegou o tempo em que o matrimônio de Maria com São José – que serviu como maravilhoso instrumento da divina Providência para ocultar este prodígio e para dar lugar ao reconhecimento da realidade da sua carne e da sua morte – servisse agora para testemunhar com prova solene o prodígio até aquele momento oculto, e confirmasse com ele a Divindade do Filho, que nasceu neste matrimônio, embora não deste matrimônio.

Que outra melhor prova podemos ter da virgindade da esposa do que o testemunho do próprio marido, homem justo, ao qual não só era permitido dar queixa de uma injúria feita a si, mas não podia – segundo a lei de Deus – também dissimulá-la. Antes Deus permitiu que o

próprio José visse a esposa grávida e ignorasse o mistério. O temor do Esposo, justo que era, o qual não podendo suspeitar de nenhum modo da fidelidade da esposa, havia resolvido deixá-la ocultamente – é testemunho certo e seguro de sua própria virgindade. Deus mesmo de encarregou de mandar seu Anjo para confortar o marido, pedindo-lhe que conservasse a mulher, porque aquela maravilhosa concepção era obra do Espírito Santo; e o Filho que devia nascer dela era o próprio Filho de Deus altíssimo, vindo para assumir a carne humana de uma Virgem para redenção de todo o mundo (Mt 1, 18-22).

FIM